

O TRABALHO EXPELE DE NÓS TRÊS GRANDES MALES: O TÉDIO, O VÍCIO E A POBREZA. -- VOLTAIRE.

Prezado leitor...

FOLHA DA JUVENTUDE, órgão oficial da A. J. C., é o teu jornal. e o de toda a juventude.

Por isso mesmo todo jovem pode e deve colaborar.

O que gostarias de ver na FOLHA DA JUVENTUDE? O que achas de mesma? tens alguma sugestão fazer? O formato do mesmo, os artigos, as secções, te agradam? Se não, diz-nos com franqueza, dá-nos tua opinião que a receberemos com prazer.

Toda correspondência deve ser endereçada para S. MIGUEL, Rua F. de Miguelinho, 17 — Nesta.

FOLHA DA JUVENTUDE

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE

ANO I — N. 4

Diretor
ANTONIO PALADINO

Junho — 1947

Redator-chefe
ADEMAR AMÉRICO MADEIRA

Associação da Juventude Catarinense

A A. J. C. é um órgão para a juventude, formado pela própria juventude e que vem lutando em prol do alevantamento do nível cultural e moral dos nossos jovens. Vem tentando, na medida de suas forças, tornar-se um organismo que reflita as aspirações e os anseios da gente moça. Procura unir a mocidade, congregá-la num só todo coeso e firme. Quer tirar os jovens deste estado apático, indolente, em que se encontram. Quer ver que eles são a força viva da pátria, que eles são o próprio futuro da pátria. Só numa juventude estudivosa, conciente, digna, são capazes de viver as ideias novas e de não sucumbir diante das múltiplas e complexas transformações do mundo moderno. E somente a juventude pode, dos escombros do mundo de hoje, fazer surgir um novo mundo melhor, de mais paz, mais compreensão, mais felicidade.

E por isso e para isso, para que haja mais compreensão entre os homens de amanhã, que surgiu a Associação da Juventude Catarinense. Ela não cuida de credos, sejam eles políticos, religiosos, filosóficos ou quaisquer outros. Sua finalidade é outra e quiza mais importante. Sua finalidade primordial é — nunca será demais frisá-lo — a união, a melhor compreensão entre todos os jovens.

A A. J. C., fundada por um grupo de jovens, é nova e vem lutando por compreensão de alguns e por má do com dificuldades. E isso por vontade de outros. Está agora em fase de reorganização, sob outros moldes mais práticos e mais simples. No momento, quasi que somente a "Folha da Juventude", órgão oficial da Associação da Ju-

ventude Catarinense, é que está em ação. Está procurando congrega os jovens, interessá-los pela Associação, aumentar-lhes o gosto pela leitura, pelo estudo, pelos esportes, etc. Quer também procurar dar-lhes o sentimento de responsabilidade. Fazê-los pensar e agir por si mesmos. Fazê-los mostrar do que são capazes. Provar-lhes que querer é poder.

Mas a A. J. C. não é unicamente a "Folha". Dentro em breve, iniciará suas outras campanhas. E possivelmente, do próximo número em diante, começará a publicação dos estatutos da Associação. Por isto, desde já, chamamos a atenção dos leitores para que vejam e leiam os estatutos da A. J. C. e contribuam para o engrandecimento da Associação da Juventude Catarinense, pois assim fazendo, estarão contribuindo para o engrandecimento de si mesmos, da própria juventude e do Brasil futuro.

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL

É com orgulho que a "Folha da Juventude" apresentará, de seu próximo número em diante, a "Coluna dos Ex-Combatentes". Esta secção, que estará diretamente a cargo da Associação dos Ex-Combatentes, virá lembrar ao povo que, ainda aí estão os nossos gloriosos pracinhas, tão elogiados pela sua bravura e tão cedo e injustamente esquecidos. Nessa secção, na qual irão colaborar os ex-pracinhas, eles terão a oportunidade de externar seus pensamentos, de dizer o que sentem, de nos contarem algo de suas lutas e do que sofreram nas

Um Apêlo à Nossa Juventude

Precisamos, jovens leitores, precisamos despertar, na juventude de Florianópolis, o gosto pela Arte Moderna. Muitos dos jovens da nossa cidade ainda não compreendem, ou melhor, não querem compreender o que seja a Arte Moderna.

E é com bastante tristeza, jovens leitores, que admitimos tal verdade. Mas, que se há de fazer? A maioria da nossa juventude prefere viver sonhando com as coisas do passado: com suas pieguices e suas "coqueluches da época". Ela vive num mundo mumificado. Num tempo — coisa paradoxal! — que, também, teve os seus revolucionários da arte. Que, também, já teve dessas reações sinhas dos conservadores. Que, também, já foi moderno. Num tempo, jovens leitores, que há muito se passou... assim como o tempo presente e a Arte Moderna também hão de passar...

E outra coisa, jovens leitores, que nos deixa bastante contratei-

tos, em Florianópolis, é que, aqui, os conservadores terrenhos, intratigentes, contra a Arte Moderna, são nada mais, nada menos que uma boa percentagem de nossa juventude. Dolorosa verdade! Nas outras cidades, nas cidades mais adiantadas, onde a cultura é mais proflerada, onde existe mais consciência, mais boa vontade, mais sensatez, nessas cidades, então, acontece o contrário do que acontece em Fló.ópolis. Aí, os jovens e que revolucionam a Arte Moderna e que preparam, no presente, a evolução do futuro. No entusiasmo dessa juventude e que, sempre, o "modernismo" de cada época encontra esse impulso, essa força renovadora que o impele, sempre, para a frente, em evolução contínua para a posteridade.

Entretanto, jovens leitores, se essa evolução dependesse de jovens passadistas, como a maioria da juventude florianopolitana, a Arte, naturalmente, haveria de se tornar um renome de caráter estático. Nunca poderia haver evolução na arte. Com o tempo, talvez, ela viesse a se tornar enxadonada, vulgar e, por conseguinte, de pouco interesse para os homens. E, também se assim fosse, jovens leitores, talvez hoje, — se nos permitam a ousadia — nós ainda estivessemos aprendendo a ler e a escrever, como os nossos irmãos da antiguidade. E, isto, porque de tal mentalidade reacionária não se pode conceber outra ideia que não esta.

Por essa e por outras, jovens leitores, e que devemos trabalhar por despertar, em nossa juventude, o gosto pela arte moderna. Precisamos sair deste convencionalismo,
(Conclue na 4ª página)

A LIBERDADE

Liberdade, anseio dos oprimidos pelos grilhões da opressão!

Quem, dentro deste conglomerado humano, terá vontade de ver-se privado de sua liberdade? Quem desejará trabalhar, em qualquer ramo de atividade, sem liberdade? — Ninguém! O espírito de liberdade faz parte de nossa integridade moral. Sem ela, seríamos escravos das circunstâncias, não poderíamos atravessar fronteiras, à nossa vontade, em busca de horizontes mais promissores, porque não seríamos livres, seríamos dependentes! Seríamos, sem liberdade, fragilima embarcação, juguete involuntário das ondas tumultuosas do oceano da opressão!

Se quiséssemos, algum dia, emprender uma viagem por rotas diferentes das até então navegadas, os ventos da opressão não soprariam normalmente; se, na ocasião, se produzisse o fenómeno do estio, ficaríamos imobilizados no meio do oceano, impossibilitados de ir além, à mercê de auroras mais esparançosas; se se produzisse o fenómeno das tempestades, estas viriam com a fúria de um tuão, não podendo a nossa nau, tão pequena, sair incólume ao vendaval desencadeado. Sossobriaríamos!

Liberdade, és uma rainha, em cujo reino jaz sem vida, como ser desprazível, bem longe de tua civilização, de teu progresso, de teu

povo culto e probo, uma fera, que, em outras plagas, seria onipotente, mas em teu país, nada mais é do que um cordeiro combatido, sem forças para erguer-se, física ou moralmente: a opressão.

São naturais de teu reino, filhos inesquecíveis, de valor incalculável: Castro Alves, grande poeta, grande espírito liberal; Tiradentes, martir da nossa Independência; Franklin D. Roosevelt, baiaute de um mundo com liberdade de livre pensamento; o heróico e valente povo frances que, impulsionado pelo seu alto espírito liberal, atacou e tomou, em 1789, a célebre fortaleza da Bastilha, e mais uma infinidade de valores humanos, dinâmi-

cos defensores de tua soberania, para os quais os mais justos e mercedos elogios seriam impotentes para louvar-lhes os feitos e qualidades morais.

São soldados de teu país, homens de tempera e dinamismo excepcionais, que preferem a morte pela tua causa, a verem teu reino sob o tacão das hostes inimigas.

Se te pudéssemos ver, ó liberdade, através dos mais diferentes ângulos, no mal, encontraríamos a mais rara das riquezas aquáticas; na terra, a mais bela e pura das mulheres; no céu, a mais brilhante das estrelas, cuja luz incomparável, reverberaria através dos tempos, até a Eternidade! J. D.

L I T E R A T U R A

Direção de:
SALIM MIGUEL e
C. BOUSFIELD VIEIRA

TERRA NATAL

Silvio Eduardo P. Martins

Terra Natal!... O mar rumorejante
A espreguiçar-se alegre, enamorado...
A serra azul, surgindo além, distante,
Nuvens no céu... rebanhos pelo prado...

A vela branca a navegar errante,
Ao longe, no horizonte iluminado,
E a voz do sino em preces, soluçante.
Na igreja branca onde fui batizado...

A cachoeira limpida, branquinha,
Do velho açude, onde a Mãe d'Água tinha
Um castelo encantado, lá no fundo...

Terra Natal! Eu nunca te esqueci,
Pois a casinha humilde onde nasci,
Vale os palácios todos deste mundo.

V I D A

A. Carioni

Certa vez, um homem e u'a mulher
Porfiavam à beira de uma estrada.
Ele clamava: — Vejo que é mister
De u' vir... *fin*

Fôste cruel prá mim. Fôste malvada,
Só te ocupaste em me fazer sofrer...
Tua beleza é falsa e mascarada...
Adeus, adeus... Deixei de te querer...

Ela chorou. O homem arrependido
Chorou com ela e assim ficou vencido.
(Pois a mulher jamais perde a partida).

Leitor: o homem que chorou fui eu
E a soberba mulher que me venceu
É a minha eterna companheira: A VIDA!...

Primeira parte

A CRÔNICA

Um homem célebre conjecturava:

"Mas que mundo é este?...
Mundo sombrio, estranho, onde estou eu? Quem me trouxe aqui? Ah! Parece-me que foi quando eu adormeci: Sentia a cabeça pesar-me muito. Acabava de escrever uma poesia. Depois a cabeça começou a doer, a doer... E fui sentindo, em volta de mim, tudo ficar escuro. Sempre mais escuro... Parece que depois adormeci... Mas agora, onde estou? Quem me trouxe a este mundo desconhecido? Ah! Esta desolação que domina tudo... Este terror emboscado em cada sombra... Esta lassidão... Esta agonia..."

Súbito, surgem no espaço pássaros informes, medonhos. E eles vão... E vêm... — revolteando quais corvos famintos que auguram a hora em que o vivente se transforme em cadáver — E os pássaros rodeiam o homem. E o perseguem. Apavorado, o homem sai a correr sempre, a correr, a correr... Até cair exausto — a respiração ofegante, quase sufocada. Os pássaros chegam, e pousam à seu lado. E, sem forças, o homem

fica a esperar, afinal, que a morte o livre deste pesadelo extraordinário... Está vencido, acabrunhado; nada mais espera...

Mas eis que uma voz lúgubre, estrondosa, destoante, fere o ar com assombro. E os pássaros assustados levantam vôo e, longe, muito longe, desaparecem. Silêncio. Um odor acre, nauseante, ressendo o ambiente. Uma visão indistinta, repulsiva, surge do incognoscível. Aproxima-se vagarosa, altaneira. Uma ventania violenta acompanha-lhe os passos. A zunir... A zunir... E vem o atordoamento, o desespero... Um mundo caótico e delirante... Depois, o silêncio novamente. O odor acre, nauseante, desaparece. A ventania também. Só o espectro fica. E numa voz descansada, assim fala ao homem:

— Aqui estás, insensato. Chegaste, enfim, ao término da tua existência. Desgraçada criatura. Nada de duradouro fizeste lá na terra. Nada. Nada... A vida, gozaste-a estupidamente. Não viveste; vege-

taste. Não fôste homem, fôste manequim. Deixaste que outros guiassem teus passos. Que outros traçassem tua rota. Não fôste teu senhor; fôste teu escravo. A tua obra não foi tua; roubaste-a de outros. A esses outros te agarraste, como as parasitas se agarram às plantas mais fortes e poderosas. Insensato, pedante! e ainda te julgas um gênio! E um grande patriota! E um incomparável fiel!... Um patriota que só percebe as virtudes e as belezas da pátria. Um fiel que acredita naquilo que nem mesmo sabe o que é... Insensato! Pedante! Não viveste; vegetaste. Os teus versos, o que são? Laudatórios. Laudatórios aos mais fortes, aos mais poderosos...

Silêncio de novo. Trêmulo, espantado, a custo, o homem balbuciava:

— E tu, quem és?! — Que queres?!

— Eu?! — Eu sou a arte. Quem esperavas que eu fosse?!

— Mas tu... a arte... a arte é

O RIO E A HUMANIDADE

Mário Augusto

O rio pela planície vem contente,
Assobiando músicas ligeiras,
E ouvem-nas as árvores faceiras
Que nas margens conversam como gente.

Entretanto, esse rio das corriqueiras
Canções, tornou-se brusco e diferente...
Berrando, esbravejando, em doida enchente,
A tudo destruiu nas ribanceiras.

Eu vendo aquela rápida mudança,
A humanidade veio-me à lembrança,
Por ser ora serena, ora violenta.

Mas notei logo a enorme diferença:
O rio destrói as coisas mas não pensa
E a humanidade pensa... E é mais sangrenta.

À SENHORITA

Por Dimas P. C. Neto

Eu sei que és bela... eu sei que és uma fada
De brancos véus num bosque de vapores...
A flor mais linda entre as mais lindas flores,
A Deusa que dos Deuses foi roubada...

És a filha dos céus, a mais amada,
Nascida numa festa de esplendores...
Dás vida num olhar, num beijo, amores,
És o que eu sonho, o que sonhei, mais nada...

E nestes versos que agora estás lendo,
Vejo teu vulto por fiéis espelhos,
Que fiz sorrindo e corrigi tremendo...

— Não te rias de mim tão prazenteira
... Mas era um anjo assim, que de joelhos,
Eu amaria a minha vida inteira.

tuma coisa tão sublime, tão admirável!...

— Sim, homem insensato, eu sou a arte... A arte dos mediocres. Anda! Vem comigo. Segue-me.

Novamente o silêncio. Mais nada... Só o silêncio. E foi com terror que o homem célebre compreendeu, então, que o seu castigo seria o esquecimento. Cinzas. Nada mais... O ocaso irrevogável da sua imortalidade...

Já no horizonte, nuvens negras, imensas, se distinguem ameaçadoras: são os pássaros medonhos, informes, que, aos milhares, vêm voltando...

Segunda parte

AS TRÊS IMAGENS

I

A felicidade deste mundo é como algumas mulheres: quanto mais a desprezamos, mais ela nos procura.

II

Se o Bem fôsse um fenômeno abstrato, e todos os homens fôsem bons... O que seria do mundo?

III

Ódio. Piedade... Eu gosto mais do ódio: O regime do ódio é a igualdade. O da piedade, a desigualdade...

MIRAGENS

ANTÔNIO PALADINO

A INSPIRAÇÃO, OS POETAS E AMORES...

José Tito Silva

"Between ourselves in ev'ry place consigned, our own felicity we make or find". Shakespeare.

Em cada um de nós há uma chama formidável, um motivo ou força interna, em torno da qual giram nossas ações cotidianas, na luta pela conquista da felicidade.

Pelos estudos de Freud e, de acordo com o pensamento dos filósofos modernos, o homem feliz ou o que se pode tornar medianamente feliz é aquele que alia as impressões íntimas e exteriores, psiquicamente predisposto a ter o mundo interno e externo equilibrados.

A maioria dos poetas de temperamento triste, da mesma forma os músicos e pintores, se debruçavam sobre si mesmos; tinham uma vida introvertida contínua, porque viveram mais de suas artes e inspiração que do mundo real.

Augusto dos Anjos foi o exemplo do homem que mais intimamente vivia, porque sua inspiração, está claro, jorrava daquele corpo de esteta magérrimo, a cada passo que os contrastes se evidenciam, entre o seu "ego" e o ambiente social. Nem sempre os motivos de suas poesias vinham de fora, e, muito ao contrário, não precisava de inspiração, musas, lugares aprazíveis, belos momentos, porque o vate estava mergulhado num pessimismo e melancolia, na sua eterna inspiração, donde brotaram os versos de métrica quase perfeita e suave, porém eivados daquela absurda idéia de um "cósmos" nauseabundo e medonho.

Os poetas foram sempre perseguidos por mulheres formosas, mas tinham como fundamento principal: fazer versos para todas as belas que encontravam, porque viviam mais para a arte que para amar.

Vates houve que sempre esperaram por uma musa apaixonada, uma única, que era o sópro de suas inspirações e que se não cansavam de cantar do fundo das tabernas doentias, os líricos acentos de um coração amargurado, em busca de uma deusa que não os ouvia sequer...

As esperanças, os momentos infelizes, os fracassos foram talvez as causas mais propícias para que a alma dos artistas produzisse obras elevadas, como, por exemplo, em Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Bocage, Álvares de Azevedo etc., porque é nestas ocasiões que a sua força inspiradora atinge culminâncias e adquire forma real.

Manuel Machado já disse: "Que ser feliz y artista no lo permite Dios", falando de Verlaine; e em verdade os poetas sentimentais foram sempre os tristes grilhetas do destino, mais porque tinham o espírito cheio de insatisfações do que por terem corrido em busca da felicidade.

A mulher e a saudade são duas idéias que mais inspirações podem dar ao homem; aliás, não têm feito outra coisa os artistas, músicos, pintores, poetas, que glorificar o passado, onde há sempre amor e nostalgia, reminiscência e dores, natureza e sentimento...

Si para os corações não houvesse esperanças, a saudade já teria matado o que de mais nobre existe no espírito humano: a arte; porque aquela mulher formosa já-mais poderíamos tornar a ver, aquela música já-mais triunfaria, e porque sem esperanças não se pode conceber os homens, as coisas, o mundo.

E a esperança, amigo, ainda "que ser feliz y artista no lo permite Dios", é a eterna companheira dos artistas, dos homens, das ciências, e a inspiradora poderosa que se coloca entre o passado e o futuro...

Os que afirmam que a felicidade não existe, talvez sintam mais do que ninguém arder dentro do peito, vibrar a pulsação do sangue que enche as veias, a magia solene de uma esperança, dessas esperanças que confortam tanto os humanos corações...

Desde o aparecimento de uma criatura sobre a terra, um novo ser na família, a vida não pode passar de uma esperança solene

OLEGÁRIO MARIANO, POETA PASSADISTA

Aulicus

Aihures, em um artigo qualquer, que escrevi há tempo, eu disse que "o melhor modo de se conhecer um literato é lhe folheando e estudando a obra".

Por ela, muito melhor do que por biógrafos, poderemos analisar o autor. Poderemos extravasar-lhe o íntimo. Ver qual a sua psicologia, qual o seu modo de reagir diante do mundo e dos homens. Porque, por mais que o autor o queira, nunca poderá se alhear de si mesmo. E a melhor maneira de se mostrar é por meio de sua obra. Ela o reflete. Ela é o espelho dele. Um espelho mágico que não somente nos mostra o exterior, mas também o interior. Nos põe em contacto direto com o "eu" do autor. Nas biografias, é o biografado visto sob o ponto de vista do biógrafo. E o ponto de vista dos biógrafos tem mais deles próprios do que de quem pretendem biografar. Por isto, antes de ler biografias sobre um autor deve-se ler as obras desse autor.

Do poeta Olegário Mariano, somente conheço a obra. Nada ou quase nada sei a respeito do mesmo, de sua vida, sua infância, seu pensar e viver. E apesar de não ser partidário de sua poesia de salão, leio-lhe a obra. Não digo que a admiro. Seria hipocrisia. Sua maneira de encarar a vida, sua filosofia do conformismo, sua atitude dúbia, seu romantismo piegas, não condizem mais com a nossa época de realidade, de realizações práticas. Hoje, o literato não pode e não deve viver desapegado do mundo, metido em um círculo, a sonhar, longe da realidade da vida e da beleza da vida.

Outro dia, ao reler "O Enamorado da Vida", pareceu-me ver o poeta, inteiro, como ele é. Ele se retrata, no livro, de maneira precisa. Deixa ver sua timidez, diante do mundo, seu medo diante dos mais fortes, seu acanhamento frente à natureza violenta e bela. O poeta ama a calma, a solidão, o misantropismo... Mas, aparente contradição, gosta de luzes, de festas, de risos, de elogios e glória... Ama a poesia romântica, a poesia sem função social ou humana. Entrega-se a devaneios estereis. Encolhe-se na sua casca quando é preciso sair e adotar atitudes firmes. E sai de sua casca quando pode se ver em seu círculo seletto. Sem reconhecer que a nossa época não é época dos círculos seletos, mas do povo.

Olegário Mariano, não é poeta do povo. Não canta as dores, as tristezas, as alegrias do povo. Não que ele não o procure. Mas, quando o tenta, nota-se-lhe o tom falso, a nota áspera e irreal. Ele não tem capacidade humana suficiente para compreender a alma popular. Mas, analisemos certas passagens do livro "O Enamorado da Vida", que por hora é o único que temos à mão. Em todo ele se observa o medo de encarar a vida de frente. Vejamos, por exemplo, "O Pôco da Panela": É o poeta sem se ambientar com seu irmão e os colegas deste, sempre metido consigo mesmo. (Não porque não desejasse compartilhar de suas folganças, mas por um estranho receio). Arredio, cheio de sonhos e complexos.

Iste é um mero exemplo de que o livro está cheio. Em todo ele se nota o mesmo receio de enfrentar a vida, de "viver a vida" a plenos pulmões. O poeta olha a vida a medo. A felicidade, a ventura, a alegria, são venenos; venenos para os quais precisamos olhar com

como o desconhecido, misteriosa como o futuro indeciso, porque a esperança é a última que morre e que conosco nasce, como se fora uma estrela colocada na frente de cada mortal, para mais tarde se alojar no firmamento opalescente, porque se foi de nós o espírito imortal e a lampada da matéria.

Assim é a felicidade dos mortais, sempre adiada, a inspiração dos poetas e artistas, os amores, promessas, sentimentos que não passam sem deixar uma sombra de esperança: a estrela miraculosa, que nos acena do ALÉM-PORTO, indicando o norte aos corações humanos

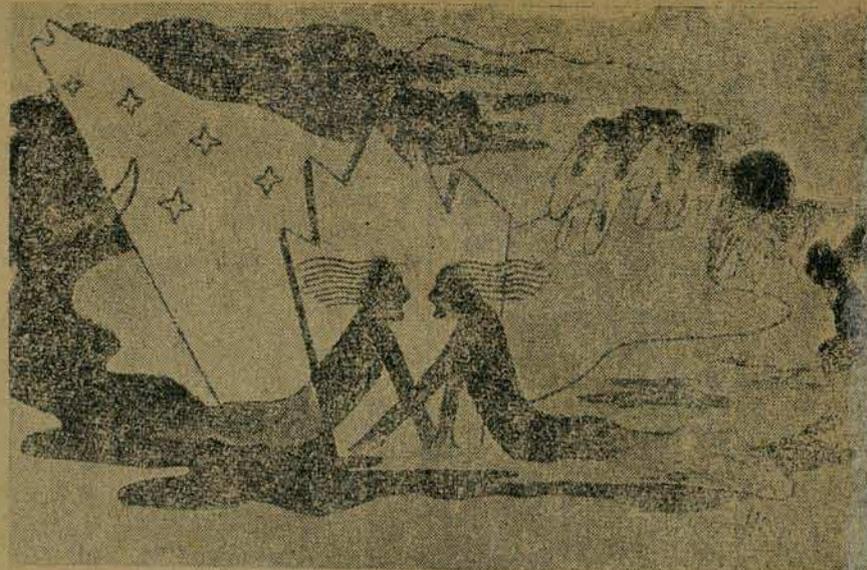


Ilustração de Luiz H. Batista

A ALMA DO OUTRO

Alma escura
Como as noites,
Sem a maciez
Do luar,
Sem a orgia brilhante
Das estrelas,
sem a magia singular
Dos bólidos e cometas.

Alma de carrasco
Como o mar revolto,
Espancando o penhasco,
Espumando
Pelas grotas,
Rugindo
Pelas grutas subterrâneas.

A alma do outro
É sempre o mar rebelde
Sem calma, sem paz;
A alma do outro
É sempre a noite triste
Sem perfume, sem luz, sem luar.

A alma do outro
É a imagem do espelho
Em que nos miramos;

A alma do outro
É bem igual à nossa;
A alma do outro
É bem igual
A de todos os homens.

Anibal Nunes Pires

cuidado. E mesmo recomenda, em "Num Album":

"Faze por ser feliz, mas tem cuidado. Ouve: a ventura é um capitoso vinho. É preciso beber devagarinho Que ele às vezes está envenenado".

Ai está o homem por inteiro. Nesta quadra ele se pôs completo, ele se pintou de forma impressionante: Olhar a vida, o mundo, os homens, tudo devagarinho, com receio, com medo, com medo da ventura, da felicidade, da vida...

Nós não devemos temer a vida. Nós devemos compreender a vida. Devemos ser realistas, fiéis, para conosco mesmos e para com os outros.

Seria longo analisar todo o livro. Vejamos um último exemplo. É no soneto que fecha o livro, intitulado: "O Térmo da Jornada".

O poeta diz:

"...Na solidão da minha vida,
Muitas vezes curvei-me à injúria ime-
[recida.
Uma calúnia, uma injustiça, uma pedra-
[da..."

E mais uma vez se vê o homem conformado, medroso mesmo, que se curva ante a "injúria imerecida", que não reage, que se acovarda diante da vida. No término da jornada, ele ainda não compreendeu o sentido da vida, ele ainda permanece estagnado, ele ainda não vive com os seus semelhantes humildes e simples. Somente os olha do alto de sua superioridade e lhes atira algumas palavras. São

FUNDADO NOVO CLUBE JUVENIL

Estiveram palestrando com nosso redator esportivo, representantes do "Az de Ouro F. C.", prestando informações.

O "Az de Ouro F. C.", fundado em 25 de abril do corrente, é uma agremiação esportiva fundada por um grupo de jovens desta cidade, tendo à sua frente os snrs.: Oscar Martins, Osni Rodrigues e Osni F. Costa.

A primeira diretoria eleita e empossada, ficou assim constituída: Presidente: Osni Martins; Secretário: Fausto Rodrigues; Tesoureiro: Américo Barreiros; Cobrador: Osni F. Costa; Conselho Fiscal: Orlando Silva, Sadi Silva, João Rocha.

A nova entidade juvenil, nossos parabens e votos de constantes progressos.

palavras convencionais, porque a alma do poeta, essa, ele não a soube trazer ao mundo, manteve-a longe, num mundo estranho de ilusões, de irrerealidades, de fantasias estereis. Sua poesia, é, como disse um crítico" de falsa melancolia de album, de recitativo de salão".

Para a época em que vivemos, para o momento que estamos atravessando, o senhor poeta Olegário Mariano é um poeta passadista.

O ESPERANTO EM FACE A SOCIEDADE

Ariedam

É a vida em sociedade organiza- da e evolucionista o que caracte- riza a espécie humana, colocando- a em nível superior aos animais irracionais. Desde as mais remo- tas eras da civilização (indubita- mente também na pre-história) das quais temos conhecimento, o homem sempre procurou a convi- vência social, evitando insular-se à humanidade: sempre buscou os vizinhos próximos, associando-se para organizarem-se conjuntamente afim de melhor e mais confortavelmente prover a subsistência, num constante intercâmbio social.

Com o natural evolucionismo das idéias, e da civilização como conse- quência daquela, com o progresso alcançado com o telégrafo, rádio, aviação, enfim, em todos os seto- res sociais, tornou-se a vida mo- derna de uma intrincada comple- xidade.

A precocidade da evolução hu- mana, nos últimos tempos, deter- minou a diminuição do tempo e do espaço que se impunha entre os povos: o intercâmbio internacional verificou-se de uma utilidade ne- cessária em todos os países que procuram manter-se na vanguar- da da civilização, o qual se proces- sou sob todos os pontos de vis- ta, como na cultura, comércio, in- dustria, etc.

Tudo contribuiu para vincular as sociedades humanas a um estreito laço de comunicação, exce- tuando-se um fator que apresen- tava problemática lacuna: "as lin- guas".

Sim, realmente a falta de um idioma internacional que servisse de base a todas as nações, cons- tituiu o sério obstáculo que impos- sibilitava maior aproximação dos homens. Era mistér removê-lo; era imprescindível a adoção de uma língua auxiliar que viesse preen- cher aquela falta.

Condições idênticas às bu- rras realizações da huma- nidade o majestoso pla- ceu ha hem pouco se con- sidera utopia. Homens de escassa inteligência, desejosos de suavisar o resultado, dedica- ram-se com afinco à tarefa, contu- do, não lograram o fim almejado. Finalmente, após inúmeras tenta- tivas, a esperada língua encontrou seu precursor na pessoa do Dr. LAZARO LUDOVICO ZAME- NHOF, de aquilatado conhecimen- to e invulgar inteligência. O cria- dor do "Esperanto", Dr. Zamenhof, poliglôta, natural de Varsóvia, em 1887 fez aparecer o IV manual do esperanto.

Elaborado com requintada sa- piência, o esperanto não vem ferir nenhuma suscetibilidade nacional ou racial, nem pretende, de forma alguma, impôr-se substituindo-se às linguas nacionais: seu vocabu- lário foi constituído de raízes co- lhidas nas linguas modernas, cri- teriosamente selecionadas, vindo a constituir um patrimônio, não des- ta ou daquela língua, mas sim, um patrimônio comum a todos os po- vos modernos; constitui, apenas, uma segunda língua ou idioma neutro, um meio de intercom- preensão entre os que falam dife- rentes idiomas maternos.

O sábio poliglôta teve o especial cuidado e ilimitada paciência, para compôr o vocabulário e a sintática da língua auxiliar, de tal forma, que fosse falado com igual facili- dade por todos os povos, sem que houvesse perturbação com pecu- liaridades da prosódia ou sotaque, conforme fora sobejamente prova- do em mais de trinta congressos universais. Para cada palavra, pro- curou seu criador verificar qual o radical mais comum nas linguas; além desta, outras particularidades mais observou pacientemente o dr. Zamenhof, procurando tornar seu trabalho de real utilidade e efi- ciência.

Apesar de ser um idioma arti- ficial (e justamente por isso), sua flexibilidade presta-se aos fins de todas as linguas naturais, possuindo já copiosa literatura em prosa e verso, científica e filosófica.

Ao lado da considerável difusão que se verifica no mundo inteiro, reconheceu o governo brasileiro, que além da utilidade imediata do esperanto, constitui ainda precioso instrumento de expressão de cul- tura e sentimento social para a in- ter-compreensão humana, por isso

PAGINA DA ARTE MODERNA

Salim Miguel

A "Folha da Juventude", de seu próximo número em diante, apre- sentará uma "Página de Arte Mo- derna".

A "Folha", sendo como é um ór- gão da mocidade, tem que acolher as idéias novas e boas. E a Arte Moderna o que é? A Arte Moderna é a Mocidade. A Arte Moderna são os jovens, pois ela também é jo- vem. A Arte, como a juventude, não pode ficar estagnada. Não po- de permanecer parada. Ela tem que acompanhar a evolução natu- ral de todas as coisas. E como a juventude, a Arte muitas vezes é incompreendida. Ela precisa lutar contra as idéias estabelecidas, contra os dogmas da Arte, contra o passadismo. Em todas as épocas tem sido assim. Sempre que uma idéia nova surge, é combatida, é desprezada, é olhada de lado. Mas ela anda, a despeito de tudo, por- que o mundo não pode parar.

Falar da Arte Moderna é falar do momento que estamos atravessando. Ela, também, aparentemente incompreensível, nada mais é do que o momento histórico que es- tamos vivendo. O mundo passa por grandes transformações. O nosso século é o século das "coisas cho- cantes" para os espiritos pacatos, incapazes de compreenderem uma idéia mais arrojada, uma realiza- ção mais dinâmica. Como poderão conceber esses espiritos uma arte mais livre, mais bela, mais huma- na, afastada dos antiquados mol- des clássicos? Esta arte, éles a jul- gam a maior das heresias. E os que a praticam são como que no- vos destruidores de ídolos, são os apóstatas. Estas pessoas vivem entranhadas no passado e nas idéias do passado. Para éles, o mundo de hoje, os homens de hoje, as idéias de hoje, nada valem. So- nham com o retorno ao passado, com a época que já se foi, com o que já morreu. Deixemo-los. Sigamos adiante.

A Arte não para. Ela acompa- nha o homem, em toda a sua tra- jetória, em todos os seus momen- tos, bons ou máus. Por isto a Arte Moderna é o homem moderno, Ho- mem com "H" maiúsculo, dinâ- mico, realista e realizador. É o homem e a Arte que sonham, mas que também pensam na vida real. É o homem e a Arte que veem as belezas e grandezas do mundo, mas que também veem a fealdade e fraqueza.

Ao surgir a idéia de uma pági- na de "Arte Moderna", a "Folha da Juventude" pensou logo em quem a dirigiria. E um nome, de imediato, se impôs: o do Dr. Anibal Nunes Pires.

Falar a respeito da personalidade e capacidade do Dr. Anibal Nunes Pires, estamos certos, é supérfluo. Professor emérito, que adota mé- todos pedagógicos completamente novos; poeta da mais rara e fina sensibilidade; conhecedor profun- do da Arte Moderna, é um nome sobejamente conhecido de todos. Temos a certeza de que a escolha não poderia ter sido mais acerta- da. Anibal Nunes Pires é um ba- talhador das Artes e especialmen- te das Artes Modernas. Não há quem não o reconheça.

A nova página, sob sua direção, crescerá, estamos certos, no con- ceito de todos e será um espelho da capacidade da nova geração barriga-verde.

CORRESPONDAM-SE COM A FOLHA DA JUVENTUDE E EN- DERECEM SUAS COLABORA- ÇÕES À RUA PADRE MIGUELI- NHO, 17 — NESTA.

que, aquele órgão nacional conce- deu auxílios e devida permissão para o funcionamento oficializado de cursos de esperanto.

Ultimamente, tanto no Brasil como nos outros países, o ensino esperantista vem tomando grande incrementação, com o satisfatório acolhimento que vem tendo.

PRINCÍPIOS GERAIS DE ECONOMIA POLÍTICA

Por A. A. M.

O objetivo do presente, é pro- porcionar aos leitores, conheci- mentos básicos gerais com refe- rência ao assunto em epigrafe, o qual representa real valor no es- tado da economia nacional.

Os poucos recursos e o modesto conhecimento do dirigente desta série de artigos que serão apre- sentados deste número em diante (peço que desde já apresente ex- cusas por toda e qualquer defi- ciência na exclamação dos temas) serão elaborados de maneira que se revistam de uma finalidade di- dática, visando os conhecimentos elementares desta disciplina.

Não pretenderei, outrossim, im- pôr minhas idéias: "exponho-as, julgai-as vós".

* * *

Muitas são as teorias e contra- dições que tem sofrido a Econo- mia Política, quanto ao seu objeto. Numerosas e divergentes têm si- do igualmente as definições. Toda- via, estas deverão ser formuladas, de conformidade com o que se pre- tende relativamente àquele objeto.

E o fenômeno econômico a re- sultante das relações dos homens entre si, com o objetivo de satis- fazerem as necessidades indivi- duais coletivas ou do grupo social. É um fenômeno social, porquanto são fatos humanos, não considera- dos individualmente, mas, do ho- mem em sociedade. São ainda fe- nômenos de ordem moral, portan- to, são fatos inenentes ao homem socialmente considerado, todavia, não diretamente ligados fisiologi- camente ou biologicamente ao ser.

Tais fatos morais sociais não devem ser considerados em tôdas as suas manifestações, senão, uni- camente ao gênero de atividade humana que se prende aos meios materiais com que o homem bus- ca e tenta satisfazer suas neces- sidades no grupo social.

O estudo da Economia, é vasto e complexo, mas, de extrema neces- sidade, o que leva os órgãos offi- ciais de cada nação, dedicar espe- cial atenção, pois grande é sua aplicação e seu reflexo na vida econômica do país e não menos é sua influência nos grupos sociais.

Quanto ao objeto da Economia, vejamos algumas autoridades no assunto e consequentes refuta- ções:

JOÃO B. SAY, afirma que é "o estudo das leis gerais e naturais do trabalho e da indústria".

"É fóra de qualquer dúvida que pelos resultados imediatos, traba- lhos ha que se operam, sem con- tido serem de natureza economi- ca. A título de ilustração pode-se citar, a pregação religiosa, o es- forço de um esportista. Ambos são exemplos de trabalhos, contudo, não de natureza econômica; por- tanto, não concerne ao domínio da Economia Política".

CARLOS RAU, sustenta que é "o trabalho que tem por fim, pro- ver o homem dos bens materiais".

"Ora, da mesma forma que o primeiro, considerando a rigor, de-ixa de ser este o objetivo da disci- plina focalizada. É óbvio que não são só de causas materiais que re- sulta o bem estar físico do homem, mas, sim, de causas de ordem moral, situação individual e muitos outros fenômenos, quer sociais ou jurídicos que constituem o am- biente do ser humano; enfim, de- pende de causas outras que não somente as causas materiais. Jul- gando de um modo restrito, o bem estar físico do homem decorre da saúde e do conforto que lhe são peculiares, fatores estes que nem sempre dependem dos bens econô- micos, escapando, logo, à alçada da Economia, o que vem demonstrar consequentemente, não estar Car- los Rau com a razão".

QUESNAY, diz que é "todo o vasto campo das relações sociais da humanidade, em tôdas as suas partes físicas e morais".

"Não é certo. O campo das rela- ções sociais da humanidade é ob- jeto da sociologia em geral. Nestas relações fazem parte as sociedades, familiares, civis, científicas, reli- giosas, literárias, etc., e no entan- to, nenhuma delas é suscetível do objeto da Economia Política, em- bora, próx ma o remotamente, apresente seu aspecto econômico.

UM DOCE PARA QUEM ADIVINHAR...

A. Paladino

Rapaz interessante, o nosso ami- go de hoje! Interessante mesmo. Pratica também a sublime arte de esonever. Mas é pena, muita pena: ele só escreve destas histórias de esporte. Destas coisas que — oh! verdade dolorosa! — matam uma via de escritor. E se esse nosso amigo não se cuidar, a sua veia vai acabar mortinha, bem morti- nha da silva. Mas — ah! se isto acontecer... — vai ser uma lástima... eu sou um dos que vão chorar... pois a sua veia é de boa quali- dade. Ela representa uma reliquia do passado. Cheira a bolor. Sim, a bolor. Um bolor assim meio "Vieiriano", meio "Barbosiano". Pois, — fato encantador! — o seu estilo, hoje uma raridade, é tão em- polado, tão cheio de frases do ta- manho dum bonde, que nos deixa mumificados. É clássico no duro! Um clássico — triste sorte! — hoje desclassificado. Sentimos, até, um prazer pre-histórico quando lemos as suas crônicas esportivas. Parecem-nos pergaminhos de mu- seu. Uma preciosidade, não resta dúvida! Uma preciosidade. A maior inovação do século: escrever "clássicamente" assuntos de inter- êsse esportivo. Ha — ha — ha... Vamos bater palmas também... Ai está o tipo de hoje, meus senho- res. Digam-me quem é ele. Digam- me... Que eu dou um doce para quem adivinhar...

UM APELO A NOSSA JUVENTUDE

(Conclusão)

agora antiquado, de nossa estética. Não nos devemos prender mais a tantas regrinhas, tantas formali- dades e complicações da arte pas- sadista. É preciso, pois, que nos livremos destes tais entraves, que outra coisa não fazem senão rou- bar a espontaneidade, a precisão e a clareza de uma ideia ou de um sentimento expresso. Já é tempo, jovens leitores, já é tempo de nos comprometarmos de tal verdade. Não sejamos "cabeças duras". Nós representamos a nova geração de nossa terra. Nós, essa nova gera- ção, é que devemos criar, incenti- var, lutar, em prol do levantamento do nível cultural desta mesma nossa terra. De nós é que ela de- penderá. Nós somos essa força no- va, entusiástica, que a impelirá para um novo futuro. E o "futu- ro" de Florianópolis, assim como sua arte, não pode permanecer de tal modo estabilizado. Florianópolis pouco tem mudado. Ela quasi nada prosperou. E a culpa, de tu- do isto, de quem é, jovens leito- res? É desse convencionalismo tradicional que sempre houve e que "muitos" ainda teimam em perpetuar. Não, jovens leitores! Chegou o momento de combater- mos, em nossa cidade, este torpor, esta indolência contraproducente e estéril, que a vem aniquilando. Congreguemo-nos, pois, todos, e fa- çamos, deste combate, a nossa aspiração da hora presente... Mas, nos lembremos sempre, jo- vens leitores, que para chegar- mos ao objetivo desta nossa aspiração é preciso, antes de mais nada, que não nos esqueça- mos, nunca, que não é vivendo do passado que se pode prosperar; mas sim, vivendo da hora presen- te, livre de romantismo, de paixão e desse famoso e tolo "mundo da lua".

Deduz-se daí não poder-se aceitar ainda esta teoria".

Uma série sucessiva de outras teorias e respectivas contradições, igualmente demonstradas, pode- riam ser dissertadas, mas o tra- balho por sua vez tornar-se-ia lon- go e provavelmente cansativo. O mais razoável, considera-se, é atri- buir um conceito que se enquadra mais perfeitamente possível, no que realmente visa a Economia Política: "é a riqueza, isto é, os bens, os trabalhos, os serviços UTILIZAVEIS (e estimáveis em outros bens, segundo a construção econômica atual das sociedades), nas diversas manifestações e as- pectos que ela (riqueza) nos apre- senta".

A "Folha" nos Esportes

Direção de A. S. CARREIRÃO

SÃO PAULO E O SUBÓRNO

Analisando o desenrolar do campeonato de amadores de 1947, promovido pela F. C. D., nota-se, com clareza, a deficiência técnica adotada pelas equipes participantes. Os pessimos preparadores técnicos dos quadros, e a escassez de atletas que possuam boas qualidades, fazem com que os quadros desenvolvidos, no gramado do estádio da F. C. D., um futebol mediocre. Dos sete conjuntos que lutam em busca do campeonato, apenas dois são dignos de uma ligeira apreciação. Trata-se do "team" representativo do Paula Ramos E. C. e o do Avai F. C. O primeiro possui um quadro perfeitamente treinado e é composto de elementos de valor tais como Mineia, Chocolate, Fomerolli, Mandico e Lázaro. Sua linha dianteira articula-se com impetuosidade, alimentada pela sua poderosa linha media, que e o ponto alto da equipe. O segundo, apesar de ser composto, em sua maior parte, por "players" veteranos, e de manter um amadorismo mascarado, é merecedor de alguns elogios. A sua equipe acha-se em condições mais ou menos apreciáveis. O seu ataque é bem perigoso, uma vez que atletas já experimentados em matéria de futebol, como Saul, que é o melhor goleador da capital, Tião e Nizeta. O ponto alto do conjunto é o trio final, composto de Adolinho, Fático e Tavinho (sendo este último o mais fraco). Os demais clubes participantes agem em inferioridade técnica, apesar de integrarem os mesmos alguns elementos de renome do futebol catarinense, tais como: no Clube Atlético Catarinense, Ivani, Marinho e Medinho; no A. D. Colegial, Katicipis, Dinhoa e Gil; no Caravana do Ar, Sanford, Moraci e Verzola; no Figueirense, Jair, Ari e Rues. O Bocaiuva é o que se apresenta em condições inferiores aos demais, não apresentando elementos de qualidades, nem possuindo conjunto técnico a altura dos sete militantes.

As rodadas disputadas até agora, não revelaram grande movimento, com exceção do encontro entre os esquadros do Avai F. C. e do Paula Ramos E. C. Não há dúvidas, que esse cotejo pebolístico revelou-se durante os noventa minutos de luta, de lances impressionantes, tendo os vinte e dois elementos que, naquele dia, integraram as respectivas equipes, desenvolvido um futebol a altura de suas qualidades técnicas, impressionando a assistência que permanecia nas dependências do estádio da rua Bocaiuva, com lances sensacionais que muito mereceram os aplausos dos aficionados do esporte-rei. O placarde 5 a 4 bem demonstra o movimento da pugna, que em sua fase inicial terminou favorável ao alvi-celeste por 4 a 1. Entretanto, o onze tricolor da Praia de Fora, dando mostras de suas qualidades técnicas, preparou físico e boa vontade conseguiu empatar a partida, sendo a mesma depois desempatada pelo Avai.

As demais partidas se apresentaram com falhas e pouca movimentação. Apenas o cotejo, entre as equipes do Figueirense F. C. e do Avai F. C., mostrou-nos algum interesse, de vez que os alvi-negros conseguiram com seu inferior conjunto, empatar com o forte esquadro avaiano, que se mantinha na liderança da tabela com zero pontos perdidos. O Figueirense exerceu, nesse dia, um futebol além de suas reais possibilidades, oferecendo alguns lances dignos de serem apreciados.

REGATAS

Comemorando o aniversário da "Batalha do Riachuelo", em 15 de junho de 1947, o Clube Náutico Riachuelo, promoveu mais uma regata, cumprida assim, ao lado dos demais clubes, com o propósito de reerguer o remo em nossa Capital.

As vitórias couberam: Martinelli 4 pares; Aldo Luz 1 e Riachuelo 1. Espera-se pois, do clube que ainda não promoveu um certame náutico nesta nova fase do remo, que não se deixe ficar na retaguarda, mas, que acompanhe a prometedora iniciativa.

UM "CRACK" POR MÊS

IVANI LENTZ DOS SANTOS

Quem vai assistir aos encontros pebolísticos realizados no campo da F. C. D., verifica as excelentes exibições do "back-esquerro" Ivani, pertencente ao Clube Atlético Catarinense. Demonsura, não há dúvidas, quando se de um verdadeiro atleta em seu apogeu da glória. Possuidor de grande calma e inteligência, Ivani se impoe ao adversario como uma muralha intransponível. Contando apenas 20 anos de idade, e um elemento de grande necessidade em qualquer clube de nossa capital. Sua pequena carreira esportiva é das mais brilhantes. Iniciou-a em sua terra natal; Imbituba, onde participou em treinos no forte conjunto do Imbituba Atlético Clube. Em 1942 transferiu sua residência para esta capital, para fins escolares. Estudando no Colegio Catarinense, foi convidado a competir nos campeonatos internos desta escola. Já, nessa altura, Ivani praticava um futebol prometedo, pois sempre se revelava com destaque nos encontros em que participava. Veio o campeonato de amadores de 1943, tendo, nesse ano, se ausentado da capital barriga-verde. Em 1944, começou a aparecer no gramado da F. C. D., defendendo o A. D. Colegial. Em 1945, continuou no mesmo clube. Em 1946, ingressou nas fileiras do Avai F. C., atuando de half-back-esquerro. E, finalmente, neste ano, Ivani se exhibe no Clube Atlético Catarinense. Foi, durante sua permanencia no A. D. Colegial, que se revelou admiravelmente. Devido a má orientação dos preparadores do alvi-celeste, Ivani caiu sensivelmente de produção em 1946, atuando de medio-esquerro, posição esta desconhecida pelo bravo "crack" do futebol lhéu. Atualmente, participando do campeonato pelo tricolor do Estreito, Ivani vem reproduzindo as soberbas exibições de 1945, quando integrava o valoroso conjunto do A. D. Colegial, e figura no futebol catarinense, como elemento de grande destaque e valor.

SÓ PARA VOCÊ

N. Grijó

Hoje é só para você que escrevo. Para você, que outrora foi meu constelário de amor e que deixou meu coração imerso numa saudade sem fim.

Voce, a cathedral imensa de meus sonhos, onde minhas aspirações se abrigavam.

Sentirá você na alma a paz, em uma noite assim? Onde a luz prateada dá as sombras da noite formas voluptuosas como dantes, em nossos corações?...

Quando parece gemer no espaço alguma queixa de amor, alguma prece de melancolia?

Creia, não é mentira esta saudade, não! Recorda ainda aquelas noites tão cheias de carinho, povoadas de tantos beijos e perfumes...

Este sonho que acalento é a eterna noite em que vivo.

Mas o despertar será medonho. A realidade, esta inimiga, despirá o manto azul que empresto às minhas ilusões e apresentará todo o desencanto.

Agora, como é facil de contar a nossa história: tudo houve e hoje nada mais há. Como vai longe, vê!... Só o fantasma desses tempos existe!

Na inquietação, neste vácuo, é que prossigo arquejante de recordações! Um sorriso de esperança para você... e um sorriso de mofa para a vida!

E a você que amei, talvez... hoje é só para você que escrevo.

MEU AMIGO VERGAS

D. Filomeno

Não tenho culpa dele ser poeta, muito menos, dele ter-me convidado àquela festinha. O Vergas gosta de andar no mundo da lua, vive a falar nos encantos e encantamentos da humana vidinha, é fraco por flores e coleciona cactus. Puh! Herdeiro único de milhões... que deve fazer mais o quê?

Disse-me uma vez: — Vamos lá... Vai ser divertido.

Acedi. Lá, após forte encontro com uma macissa morena, o Vergas sorrindo, disse-me, feliz: — Na mulher o que me deixa louco é a fragilidade... Eu (julgo) devo ter corrido à la Gioconda. Mais adiante, um rapaz sussurrou aos doces lábios de uma pequena: "Como vai você, benzinho?". E aquela fragilidade respondeu: "Bem, obrigada, mas vai-te pro inferno"! Sempre jovial, o Vergas falou-me dos seus amores e aventuras. Que vida! Os mais variados tipos... E nenhuma tivera uma palavra aspera, pesada. Que vida! Foi quando vimos uma baixinha com a sobrinha dirigir-se a um garoto.

— Olha, peste, fica direito senão te parto o focinho!

Cotuquei o meu amigo, mas ele se manteve aereo. Alguém, então, exclamou: "Foi esse aí, esse florido". Imediatamente pensei no Vergas com o cravo à lapela. Espumando, mão nos quadris, vermelhissima, olhos pipoqueando, uma mulherzinha abriu fogo contra o vergas.

— Seu granfino exibido. Vai beliscar o traseiro da tua avó!

Vergas não se perturbou.

— Por ventura, a senhorita está falando comigo?

— Jesus, que fingido! Santinho!

Oiha isto aqui — e a mulherzinha meteu a mão no bolso do Vergas tirando uma moedinha de cunho amarrada a uma linha cujo

início ligava-se a uma cavilha colocada maliciosamente atrás da fulana. Compricando a molecagem e dispus-me a solver o quiproco. Não sei como surgiram irmãos e primos da "olendida" dispostos a intervir na mulherzinha insultava a pobres pulmões. Os parentes com olhares assassinos. Eu impiorava calma e o vergas "por favor, senhorita". Em volta, os moleques largavam uma ou outra bombinha.

E culminando, apareceu uma mulata enorme que lançou a cara do Vergas uns pinhões podres. E despejou: — Vai oferecer coisa podre pra praia, nojento!

A fulana da cavilha gargalhou que nem os fantasmas de fita em série. O Vergas derendeu-se: — "Caramba! Não entendo nada. Ao meu lado, um garoto chamou-me a atenção. Inintencionalmente, gritei, segurando-o: — "Foi este aqui"! Mêdo e culpa estamparam-se num repente. "Não me surrem. Sim, sim, fui eu. Não faço mais. Juro!"

— Mas não serão mesmo?

Compeido, o peralta tudo esclareceu. Pusera a linha no bolso do Vergas e levava pinhões estragados à mulata, simulando uma gentileza do meu amigo. E tudo para se vingar do Vergas só porque este lhe comera um caneco de torradinho a título de experiência, e no fim, cheirando o cravo o Vergas lhe dissera que a mercadoria estava deteriorada e por isso não havia pagamento.

Ppolis, 5-6-947.

Polis, 5-6-947.

BILHETERIAS PAULISTAS

Renata Pallottini

O CAMPEONATO DA CIDADE

Sim, amigos! Por incrível que pareça, São Paulo é a cidade do Brasil em que viceja mais brilhantemente o suborno. Suborno para todos e para tudo.

Que é a gorgeta, os malfadados 10% que são sinão o suborno que um pobre homem indefeso dá ao "garçon", para que não lhe cusпам no bife, e outros perigos iguais? E vá o freguês esquecer-se, casual ou propositalmente, da propina. A integridade moral de sua familia corre o perigo de ser seriamente abalada...

Vejam agora outro lado da questão: um Chevrolet avança o sinal, ou encosta em lugar proibido. Lá chega o guarda, com cara de dono de cabare em fita de mistério americana. De repente, opera-se uma mudança radical. Dois cruzeiros passaram do bolso do chofer do Chevrolet para a mão ansiosa do guarda. E o cidadão pode ir pacatamente ao cinema, ou assistir com calma a sua partidinha de futebol no Pacaembu, na certeza de que, por dois cruzeiros, tem um vigilante cão de fila junto ao seu carro, sem perigo para os "calotas".

O suborno é velho como o tempo. De vez em quando muda de nome. Seu atual apelido é cambio-negro. E ao chegarmos à bilheteria do teatro, em cima da hora, temos a impressão de que o bilheteiro começou a venda dos bilhetes do "Z" para a frente, pois as cadeirinhas do "A" estão à espera dos nosso 20 cruzeiros. Cambio-Negro.

Estamos agora na penumbra de um cinema da Cinelândia, 9 cruzeiros, com direito a pulgas e piadas cafagesticas. Estamos perdidos; a tela está às escuras; é uma cena de horror.

Eis que chega o "lanterninha" com seu faroleto salvador, apontando a cadeira estofada, e estende a mão significativa; sabemos que absolutamente não está chovendo. Logo, e conosco mesmo. Ah, o cambio-negro é no escuro...

Temos a impressão de que, no momento, as únicas coisas não negociáveis no cambio-negro, pelo suborno, são as idéias do literato, a inspiração do poeta e a opinião do jornalista.

(MAS NAO SERÃO MESMO?)

Compeido, o peralta tudo esclareceu. Pusera a linha no bolso do Vergas e levava pinhões estragados à mulata, simulando uma gentileza do meu amigo. E tudo para se vingar do Vergas só porque este lhe comera um caneco de torradinho a título de experiência, e no fim, cheirando o cravo o Vergas lhe dissera que a mercadoria estava deteriorada e por isso não havia pagamento.

Ppolis, 5-6-947.

2º CONCURSO "LIVRARIA ROSA"

Com a presença dos membros da Direção desta Folha e dos snrs. Anibal Nunes Pires e A. S. Carreirão, foi efetuada a apuração do 1º concurso patrocinado pela conceituada "Livraria Rosa", estabelecida à Rua Trajano, nr. 33, nesta Capital.

"A Carta é a Primavera", de autoria de Salim Miguel, foi o trabalho que alcançou maior número de votos e o brinde sorteado entre os leitores, coube à senhorita Norma C. Ramos, funcionária da "The Texas Company".

Além do artigo premiado, outros trabalhos foram muito votados: O Guarda Chuva de Juvêncio, de N. Silveira Jr.; Justiça, de Cláudio B. Vieira e Os Caminhos da Vida, de J. D.

Continúa a Livraria Rosa a distribuir os dois livros mensais: Um para ser sorteado entre os leitores do trabalho mais votado, seja de que gênero for, outro para o autor do trabalho que alcançar maior número de votos.

BASES DO CONCURSO:

- 1) Enviar o coupon abaixo até 15 dias depois da saída do jornal.
- 2) Ao receber-se o coupon, será o mesmo registrado e numerado por ordem de recebimento.
- 3) A apuração será feita após extinção do prazo supra, pela direção deste jornal, sendo permitida a presença de qualquer pessoa interessada.

2º CONCURSO "LIVRARIA ROSA" NR.

Título do trabalho
 Nome ou pseudônimo do autor
 Nome do leitor
 Endereço

“LEVANTA-TE E CAMINHA”

SILVEIRA JÚNIOR — (Especial para “Folha da Juventude”).

Não sei se já nasceu aleijado. E, dada a natureza do defeito, presumo mesmo que não. Quando eu o conheci, ele apresentava uma deficiência na articulação do joelho de jeito que a sua perna direita formava um permanente ângulo de noventa graus em relação à coxa, dando a impressão que aquele membro se imobilizava no momento preciso em que o bom rapaz se preparava para dar um tiro de meta. Os dedos daquele pé, pela ausência de contacto com o chão, murcharam tanto que a gente ao vê-los não dissociava a ideia de um desses paliteiros furados, com cinco palitos.

Mesmo assim, o jovem dava longas caminhadas, apoiado num par de muletas, à procura de esmola para o seu sustento. E nas horas vagas, tocava gaita de boca e acompanhava a música com pancadas do pé esquerdo. Nunca lhe ouvi uma queixa. Sempre alegre,

sempre satisfeito, sempre sorridente. Se há no mundo um homem de aspecto feliz, ali estava um.

Não possuía grandes aspirações e a esmola, dada mais para afastá-lo, que por piedade, ia cobrindo suas pequenas despesas, visto que, como muito bem diz Juraci Camargo, não fica bem a um mendigo fumar charuto ou tomar champagne...

Mas um dia... Sempre há um dia na vida do camarada... O dia dele, chegou em forma de uma tossezinha seca, uma expectoração suspeita, uns calafrios... E toda gente disse que o rapaz estava sofrendo do peito. Mandaram-no para Hamônia, mas não era nada. Um mês de repouso, uns copos de leite devolveram-lhe a saúde. Mas o médico — Cesar Ávila, cite-se logo o nome — entendeu, porém, que devia fazer um trabalho com-

pleto. E propôs-lhe uma operação na perna: serrá-la em dois lugares, extrairia o joelho encrencado e — unindo a coxa à perna numa “ligação direta” — (perdoem-me os ortopedistas se estou explicando errado) repetiria o milagre de Pedro, referido em “Atos dos Apóstolos”.

E assim se fez, ficando o coxo, senão completamente curado, visto que a perna operada não recuperara a flexão média, pelo menos em condições de andar livremente sem as muletas.

Foi nestas condições que o encontrei há alguns anos. Contou-me o “milagre”, mostrou-me as incisões ainda recentes. Felicitei-o pela transformação sofrida. Afinal, ele agora era um homem igual aos outros. Mas o meu rasgo de entusiasmo não encontrou eco no ex-aleijado. Notei-lhe uma triste-

za profunda a enuviá-lo o rosto antes tão alegre. As suas afirmativas eram tão dúbias que denunciavam desaprovação. Mesmo assim insistiu em proclamar-lhe a boa sorte, as vantagens de ter duas pernas ao invés de uma. Nesta altura o homem não resistiu e sinceramente me confessou (o que positivamente não me foi nenhuma surpresa) que nunca fora tão infeliz como agora e se explica:

— Não conheço nenhum ofício, não tenho emprego, não sei ler e... não posso pedir esmola.

Faz uma pausa e, num apêlo angustioso, me interroga:

— Me diga o que é que eu vou fazer agora?

Dei-lhe um conselho inconsequente, estendi-lhe a mão e vi-o se afastar, claudicando sem destino, com uma tristeza eterna, visível, que outra coisa não era senão uma infinita saudade do seu rico par de muletas...

PARADA DE QUINZE MINUTOS

Conto de C. Bousfield Vieira

— Vamos parar aqui, Téca. Tô c’as pernas em pandarocos. A gente descansa só uns quinze minutos, depois continuamos...

Concorro com ele. Meus joelhos doem tanto! E paramos ali mesmo...

A “Praça” está cheinha de gente. Nas três ruas do “footing”, essas três filas que todo bom nordestino conhece pelos nomes de “Pede-se um Marido”, “Pede-se um Namorado” e “Pede-se um Homem” (isto por causa da distinção de “classes” remane), os rapazes e as moças vão, voltam, tornam a ir, a voltar, espartando-se, esrengando-se, riando. Como o meu amigo e de pouca fala e eu não sou desses que riam com as paredes, ponho-me a observar as coisas do “footing”: os trajos, as cenas, as piadas, os tipos...

Primeiro, meus olhos param numa mocinha casadoura, reia como o diabo, que exibe a sua linda bolsa a tiracolo, ali na rua do “Pede-se um Marido”, “Será que existe algum idiota que toque um canhão desse?” — essa ideia me vem logo à cabeça. A frente dela, uma morena do outro mundo, com um ramo de violetas no cabelo, manda um meio-sorriso a um gajo que acaba de dizer para ela:

— E dizem que nunca houve mulher igual a Gilda, em!

Agora, meus olhos focalizam a fila do “Pede-se um Namorado”. Primeiro, uma lourinha com açúcar... Traja um “big” casaco de pele e diz, apenas com os olhos:

— Oh! Vejam o meu casaco de pele!

Mas logo minha atenção é desviada por uma morena, dona dum palminho de cara digno dum “ô — ô — ô — ba!” coletivo. Seu vestido azul, bem apertado, deixa ver umas linhas admiráveis, levando-se em consideração a fila... Olho as pernas. Cruzes! “Cruzes, sim senhor! E mais de uma...”

Ainda na mesma fila, uma garota que parece não ter papas na língua, rebate um “Pode-se ou tá difícil” dum peralta, com um decidido “Só prá porco!”

Outra vez, a fila do “Pede-se um Marido”... Um pedaço de morena pede desculpas a um rapaz de cinzento, por ine ter dado uma esbarrada que, em absoluto, não o machucou...

— A vontade! — responde o galato, com um cinico sorriso de canto de lábio — A vontade! Não faça cerimônias.

Bem pertinho de mim, um fedelho de seus quinze a dezesseis anos canta para todas as pequenas que passam aquele trecho da rumba mais em voga:

— Escandalo-ô... sa!

— “Engraçadinho!” — “Abusado!” — “Heim! Seu pinto!” — é o que elas respondem invariavelmente.

Ah! Lá vem aquelas duas magricelas que são metidas a falar inglês! Apanho um trecho da sua conversa:

— Laila, please, what time is it?

— Just nine.

Agora, um poeta da corrente romantica (coisa que anda choven-

COISAS QUE INCOMODAM

Laércio Lisboa — Banco do Brasil — Joinville: Acusamos e aceitamos a sugestão formulada pelo distinto leitor.

Amilton M. da Cruz: Agradecemos sua atenciosa carta. Cumpre-nos informar que aceitamos qualquer colaboração, desde que observadas as devidas normas desta Folha.

Departamento Estadual de Estatística: A este departamento cabenos o dever de expressar especial agradecimento pela cooperação que vem demonstrando para com nosso Órgão mensal, fornecendo valiosas informações solicitadas.

Centro Cultural de Itajaí: Desta sociedade de merecido renome, acusamos e agradecemos o recebimento da seguinte carta, que transcrevemos: “Ilnos. Snrs. Redatores da “Folha da Juventude”.

Itajaí.

Prezados Senhores:

É com satisfação que acusamos o recebimento do nr. 2 da FOLHA DA JUVENTUDE e, agradecendo-lhes a remessa, aproveitamos o ensejo para transmitir as nossas congratulações aos redatores dessa bem feito órgão da juventude estudiosa da nossa Capital.

Atenciosamente.

Ass. — N. Silveira Jr. — 1º Secretário.”

do aqui em Florianópolis), recita, de cor, uma poesia cacete para o seu parceiro:

“Oh! Esse teu cabelo almiscarado.

Põe meu coração onusto de amor!”

Neste momento, dois tipos gozadíssimos acabam de parar perto de mim. A palestra que eles entretêm, serve bem para a gente desopilar o fígado.

— ... mesmo do Rolland — está dizendo o primeiro, um afetadíssimo dandy, de gravata borboleta, lençinho de seda no bolso de cima do paletó e tudo o mais — Não! O Zola não tem aquela... aquela... como direi...

— Sensibilidade... — completa o outro, que, em compensação, não tem nada de grã-fino nem de afetado.

— Justamente, Pedro! Aquela sensibilidade do Rolland. Veja, por exemplo, o “Naná”... Que estilo... Que estilo...

— Árido, você quer dizer...

— Árido! Justamente, Pedro! Um estilo árido. O Zola...

— Olha lá, Téca! Aquelas duas doãs que estavam dando bola prá nós voltaram! Vamos meter a cara? — diz de repente o meu companheiro, que esteve calado tanto tempo. Batemos atrás das pequenas. E assim, terminam os meus quinze minutos de observação dos trajos, das cenas, das piadas, e dos tipos do “footing”...

CORRESPONDENCIA

I — A esperteza sem graça nenhuma do Cine Ritz, que deu em fazer sessões com preço único, a “três por dois”, prejudicando, bancando o amigo da onça com os estudantes. E depois, querendo parecer camarada, bom camarada, faz a sessão das 5 com preço para estudante, e a das 7 1/2 com preço único, quando sabe que grande número de estudantes não podem ir à sessão das 5. Vamos acabar com isto, senhores!

II — Há muito tempo que se fala em construir um abrigo para os infelizes passageiros, que têm de se sujeitar às “bichas” dos nossos mal acabados onibus. Sujeitos a chuva, ao vento, ao sol, ao frio, às descompusturas dos choferes e condutores, acabaram sofrendo do fígado... ou de coisas piores. Afinal o abrigo sai ou não sai?

III — O nosso riacho da Avenida está sendo um verdadeiro “pai dos vermes”! De vez em quando, um infeliz descuidado ou bebado, cai no riacho que — miséria das misérias — nem água tem e... “reino dos pés juntos” com ele. Os vermes se banqueteam e agradecem à escuridão da cidade.

Perto da Academia de Comércio, então, é um desastre! A pessoa que não está acostumada ao lugar pensa que vai atravessar a ponte e... tum-bum... água (água é modo de dizer, pois não existe, e se cai “em seco, no duro”). Vamos, senhores, tratar de iluminar a cidade, e, principalmente, aquele trecho!

IV — No Odeon — o líder dos cinemas — como se não bastassem o péssimo aparelho, a falta de conforto e outras “cositas más”, ainda as sessões raramente ou nunca têm início à hora marcada. E fica o infeliz que vai ao cinema para se divertir e esquecer as tragédias da vida, a amaldiçoar a má sorte, que o faz ficar de pé mais de uma hora, empurrando, imprensado, acotovelado, esmagado, xingado...

Por que o Cine Odeon — líder dos cinemas — não organiza melhor a sua programação, de maneira que as sessões terminem sempre em tempo?

V — O pão subiu e diminuiu, porque a farinha de trigo faltou. Voltou agora a farinha de trigo. Por que será que o pão (é uma vergonha dar-se tal nome àquelas minúsculas bolotas que as padarias nos impingem) por que será que o pão, dizíamos, continua subindo e diminuindo? Tende piedade de nós, oh vós, “padeiros”!

VI — A falta de habitação é um fato. Qualquer dia voltaremos a imitar nossos ancestrais das cavernas. Já quase não podemos comprar roupas. E agora sem casas... Este, porém, não é um mal local, é um mal geral. No entretanto, aqui mais do que nos outros estados e cidades, ele se faz sentir e ainda aqui é ele de mais fácil solução. Se tivéssemos transportes rápidos, muitas famílias poderiam e até prefeririam morar na Trindade, Agronômica, Saco dos Limões, Prainha, Estreito, etc. Mas quem trabalha, por causa da falta de condução, tem de se sujeitar a morar dentro do perímetro urba-

CLUBE BRASILEIRO DE CORRESPONDENTES

Acaba de ser fundado em São Paulo, o Clube Brasileiro de Correspondentes, entidade que visa, por inspiração da revista “Caricoca”, unificar todas as pessoas que se correspondem ou venham a se corresponder.

A novel sociedade tem âmbito nacional e dentro em breve deverão ser empossadas as diretorias de suas seções, não só nas capitais dos Estados, como também em todas as cidades brasileiras.

Na Capital do nosso Estado já foi eleita a 1ª diretoria do Clube Brasileiro de Correspondentes — seção de São Paulo — a qual está assim constituída:

Presidente, sr. Cypriano do Carmo; vice-presidente, dr. Antônio Seiki; secretário-geral, sr. Matias Aivos; 1º secretário, sr. Otávio Balestra; 2ª secretária, srta. Maria C. Tunes; tesoureiro-geral, sr. Rubens Santos; bibliotecário, sr. Wilson Nunes; 1º e 2º diretores do Departamento de Divulgação e Cultura, respectivamente, srta. Lucy Goulart de Faria e sr. Adib Moysés Salomão; diretor de comunicações, sr. Hélio José Pinheiro Silva.

Qualquer pedido de informações e notícias mais detalhadas a respeito, deverão ser dirigidas ao Clube Brasileiro de Correspondentes — Seção de São Paulo — Caixa Postal, 2.468.

“Folha da Juventude” agradece a participação e apresenta os seus melhores aplausos a tão útil acontecimento, augurando que esse punhado de moços e moças estudiosos atinjam o seu desiderato.

AVISO

Avisamos que só serão aceitos os artigos que vierem devidamente assinados e não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos nos mesmos. Os artigos, mesmo os não publicados, não serão devolvidos.

A REDAÇÃO

no, pagando alugueis exorbitantes, em casas velhas e insalubres. E, desse modo, só quem tem carro próprio ou que não precisa trabalhar e que pode morar nesses bairros privilegiados. E os outros... ora os outros, que interessa!

VII — Também, no referente à falta de habitação, esta derrubada de prédios que se faz é boa e não é. É boa porque em geral são prédios velhos e que afetam o aspecto citadino. E não é boa porque, em lugar de derrubar-se e tornar-se a construir logo, o prédio fica no chão dois, tres anos, transformando-se em verdadeiro jardim botânico. Precisamos de jardins botânicos, porém precisamos muito mais de casas. Para citar somente um caso: o do terreno de rua Padre Miguelinho, prédio de propriedade do Instituto dos Comerciantes e que já vai para três anos no chão. Será que o Instituto não tem dinheiro?

Por hoje é só; porém tem mais, muito mais.

O Amigo do Gafanhoto